

OS MODERNÔMADES

Tendo em vista a importância do livro – que foi lançado, no último dia 11, às 19 horas, no Bar e Restaurante Carpe Diem – resolvemos transcrever o prefácio que escreveu para o livro o governador do Distrito Federal, professor Cristovam Buarque:

A DIÁSPORA DA MODERNIDADE

O final do século está apresentando diversos sustos para quem conhece os sonhos previstos para o ano 2000. Entre estes, poucos surpreendem tanto quanto a existência de centenas de milhões de nômades perambulando por estradas, entre ruas, cidades e mesmo continentes. São os modernômades.

O sedentarismo foi a primeira das opções modernizadoras da civilização. No ano 2.000, símbolo da realização civilizatória, temos um número muito maior de nômades do que há cem séculos, quando o homem começou sua marcha para a civilização. Entre o Zaire e Ruanda, entre a África e a Europa, entre o México e os Estados Unidos, do campo para a cidade ou dentro de qualquer grande cidade do mundo, famílias se locomovem sem um lugar onde ficar.

O final do milênio é um tempo de pessoas sem endereço. Com a diferença de que, agora, a migração é provocada pela riqueza que atrai os pobres esquecidos no mundo e pela própria criação da riqueza que, ao chegar, expulsa, em vez de conter os habitantes das regiões esquecidas. Na maior parte dos casos, a migração não é provocada pela atração do desenvolvimento em regiões distantes, como entre os Estados Unidos e o México, mas sim pela expulsão que o desenvolvimento provoca nas regiões em que ocorre.

No final do século, o desenvolvimento é excludente, restrito a apenas uma parte da população; e é, portanto, um elemento gerador de migração forçada. Dez mil anos depois de começar pela revolução sedentária, o desenvolvimento atual cria nômades: pelas grandes obras que desalojam, pela automação que desemprega, pela agricultura modernizada.

Brasília é um símbolo desse século que se termina e também um exemplo dos problemas da migração moderna, um caso típico da convivência do moderno com o nomadismo. Por isso, “Da utopia à exclusão – Vivendo nas ruas em Brasília” – de Carlos Henrique Araújo e Marcel Bursztyn, é um livro exemplar dos tempos atuais.

A obra mostra a realidade dessa cidade-símbolo do progresso brasileiro, como um local em que os modernômades vivem, perambulando, como há milhares de anos outros seres humanos faziam para sobreviverem. Mas, diferentemente dos nômades

O final do milênio é um tempo de pessoas sem endereço

QUANDO BRASÍLIA se aproxima de seus 37 anos, Marcel Bursztyn (Secretário Adjunto de Indústria e Comércio do DF) e Carlos Henrique (chefe do Departamento de Pesquisas da Codeplan) analisam o sonho de implantar a nova capital na vastidão do altiplano e a brutal realidade de uma corrente migratória constituída pelos excluídos de todas as idades e de todas as partes do Brasil. O livro, editado pela Goreman – Codeplan, tem prefácio do governador de Brasília, o professor Cristovam Buarque, que analisa as causas da migração forçada em direção a

antigos, os modernômades são produzidos pela modernidade e vivem da modernidade. Vieram para Brasília expulsos pela modernização em suas localidades de origem, atraídos pela modernização que fez a nova capital – mas nela não se integram socialmente, passando a viver do lixo que a modernidade produz.

Um recente livro de Flávio Pava, *A odisséia dos cabeças-chatas*, já antecipava isso, ao mostrar a viagem de um grupo de retirantes que vão do Ceará para São Paulo nos novos anos 90. Mas, diferentemente dos anos 50, 60 e 70, já não encontram emprego e regressam, num ônibus que vai se deteriorando pelo lixo interno que os viajantes pobres vão produzindo com as cascas de frutas, as fezes de crianças e de doentes. No desenvolvimento globalizante e excludente dos tempos atuais, o velho “pau-de-arara” é substituído pelo ônibus moderno, mas o ônibus não é mais um meio de transporte para um mundo melhor: ele é

o próprio mundo dos excluídos, circulando à margem do progresso que serve apenas a uns poucos.

Da utopia à exclusão é um livro básico para se entender de que maneira a modernização ocorre nesta cidade-símbolo da modernidade brasileira, mas é um livro que nos toca pelo realismo como a realidade é descrita. Diferentemente da frieza com que outros cientistas tentam mostrar a realidade, aqui os dois autores mostram o real como ele ocorre. E mostram uma nova realidade do desenvolvimento, da modernização.

Até recentemente, os migrantes buscavam, não apenas a chance, mas o conseqüente emprego e renda que os novos centros de desenvolvimento naturalmente ofereciam. Agora, em Brasília, nossos migrantes já não vêm em busca de emprego e renda que eles sabem que não vão conseguir. Vêm em busca do lixo e da modernidade.

Estamos diante da primeira ge-

Brasília. Com dados técnicos, os autores mostram “o caráter relativamente aleatório da migração”, sublinhando que tal peculiaridade torna-se ainda mais evidente quando se verifica que “somente 20% dos entrevistados numa pesquisa de campo vieram para o Distrito Federal já com endereço fixo e o restante (80%) não sabiam onde iriam morar”. Segundo os autores, 52% dos pesquisados garantem que não sofreram nenhuma influência quando decidiram vir para Brasília, enquanto 87% revelam que vieram para cá a pé ou de carona.

ração de migrantes claramente excluídos: os modernômades, que migram sabendo que continuarão nômades mesmo depois de chegarem aos seus destinos. Migrantes permanentes que viverão do que sobra na modernidade: conscientes de que serão sempre excluídos, só que excluídos sem fome, graças à comida que encontram no lixo, graças à venda de resíduos que os modernos jogam fora.

São modernômades – nômades criados pela modernidade – e lixíveros – porque vivem do lixo dos sedentários da modernidade. Mas, *Da utopia à exclusão* não fala somente da exclusão, fala também da esperança ainda vida da utopia. Como raramente se vê hoje em dia, o livro propõe alternativas. Entre estas, surge a idéia simples de que a Bolsa Escola, já adotada dentro de Brasília, seja também adotada nas cidades em que se origina o fluxo dos modernômades.

Como é hoje adotada em Brasília,

a Bolsa Escola serve como elemento incorporador dos excluídos ao desenvolvimento local, mas não resolve o principal problema da exclusão criada pela expulsão na origem. A aplicação da Bolsa Escola não apenas nas cidades em que a modernização e seu lixo atraem os pobres, mas também nas cidades desses pobres, pode ser o caminho para um programa de desmigração, como define Marcel Bursztyn, em todo o Brasil.

Esta obra pode vir a ser um clássico da nova realidade do desenvolvimento globalizante excludente do Brasil e do mundo de hoje, e pode ser também um clássico do desenvolvimento das ciências sociais no mundo, com autores sensíveis, comprometidos e que apresentam soluções, não apenas análises.

Por tudo isso, é um livro que deve ser lido por todos: os que analisam a realidade da exclusão e aqueles que, descontentes com ela, ainda não perderam a esperança na utopia”.

